

# LIVRO

## DEMOCRACIA NO BRASIL SÓ EM FUTURO REMOTO



Schwartzman: o autoritarismo tem raízes profundas

## Para o cientista social Simon Schwartzman será muito difícil vencer o autoritarismo que domina todos os aspectos da vida social brasileira

**D**EPOIS de mais uma dezena de anos de estudo sobre o autoritarismo brasileiro, um ponto da questão parece inteiramente claro a Simon Schwartzman, professor do IUPERJ e pesquisador do Cpdoc: o fenômeno está muito mais profundamente enraizado na tradição do que geralmente se imagina; consequentemente, a tendência autoritária e centralizadora não será facilmente revertida. Isto é o que ele afirma no cerne do seu novo livro, *Bases do Autoritarismo Brasileiro*, publicado pela Editora Campus, Rio, 164 páginas, Cr\$ 850.

— Para mim — diz o autor — fica difícil concordar com alguns colegas, estudiosos da história brasileira, para os quais a complexidade crescente da nossa sociedade, por si mesma, deverá levar à organização de um sistema político-partidário mais aberto, com formas crescentes de participação social e política. Vai ser muito difícil dar marcha à ré nessa tradição. E isso não será alcançado, como querem alguns, por meio de simples fórmulas político-eleitorais; ou, como querem outros, graças a uma súbita revolução libertadora.

Três grandes temas são desenvolvidos no livro de Schwartzman. O primeiro é o papel preponderante desempenhado pelo Governo central e da máquina do Estado na vida social do país, dos seus primórdios até hoje. O segundo é o relacionamento entre o poder central e a sociedade brasileira. O último, a crítica das concepções utilineares de desenvolvimento social e político, que procuram identificar na história do país coisas como um eventual período feudal ou uma revolução burguesa.

Schwartzman reconhece a importância de outros trabalhos que, antes do seu, abordaram aspectos dessas mesmas questões. De modo particular o de Raymundo Faoro, *Os Donos do Poder*, que ao ser lançado em 1968 "foi praticamente ignorado pelos nossos cientistas sociais".

— Naquele livro — recorda o autor de *Bases do Autoritarismo Brasileiro* — Faoro defendia a noção de que o Brasil era comandado, desde o período colonial, por um estamento burocrático todopoderoso. Por que o livro passou em brancas nuvens? Porque os cientistas sociais em geral tinham dificuldade em pensar o sistema governamental a não ser como uma superestrutura dos interesses das classes sociais. Acho a colocação de Faoro imilateral, pelo fato de ele não deixar espaço para estruturas mais autônomas de organização e participação social. Mas é fora de dúvida que o seu livro aborda um lado importante da realidade brasileira, lado esse que um certo pseudomarxismo vigente entre nós impedia de olhar de frente.

Ao estudar o relacionamento entre o poder central e a sociedade brasileira, Schwartzman assinala que a questão adquire uma forma de distribuição muito peculiar. Algumas regiões assumem um tipo de papel, bem diferente do que se observa em outras. Ele se detém sobre o exemplo de São Paulo, que apesar de centro econômico e social do país, tem sido historicamente marginal, do ponto-de-vista político, em relação ao poder central. Outro foco de interesse de sua pesquisa, no item do relacionamento, é a base regional do militarismo brasileiro, para ele essencialmente gaúcho em suas origens.

— Trato de mostrar, como tese, que existe uma contradição bem marcada entre o tipo de sociedade e de formas de participação política originárias do centro dinâmico da economia do país, e aquelas decorrentes do centro político-

administrativo e das regiões periféricas e dependentes do poder central.

Um dos conceitos teóricos mais longamente estudados pelo autor de *Bases do Autoritarismo Brasileiro* é o de patrimonialismo, do cientista social alemão Max Weber. Mas ao discutir tanto este como outro conceitos — na tentativa de compreender por que a sociedade civil brasileira não tem sido capaz de criar um sistema político em condições de se contrapor efetivamente ao peso do poder central — ele chama a atenção para o fato de que os modelos utilineares de desenvolvimento, freqüentemente utilizados no estudo da história do Brasil, apóiam-se na experiência da Europa Ocidental. São modelos, diz ele, que não se aplicam ao que vem ocorrendo nos chamados países dependentes ou periféricos, "onde a organização do Estado precede a estruturação do sistema social e econômico".

*Bases do Autoritarismo Brasileiro* tem uma história longa. Na verdade, consiste na revisão e atualização de outro livro publicado pelo autor, São Paulo e o Estado Nacional (Difel, 1975), que por sua vez teve origem em um artigo publicado na revista *Dados*, em 1970, com o título de *Cooptação e Representação Política do Brasil*. Do livro existe ainda uma versão em inglês, inédita, apresentada em 1973 como tese de doutoramento à Universidade da Califórnia, em Berkeley. Schwartzman admite que, na forma atual, o estudo representa a consolidação das suas idéias sobre os temas tratados.

— Muitas idéias que nas versões anteriores eram simples hipóteses de trabalho, aqui admitem caráter significativo, graças a estudos e pesquisas realizadas nos últimos anos. Por exemplo, uma das minhas hipóteses era a de que os dirigentes oligárquicos da República Velha — e não só dela — governam de costas para os interesses dos seus próprios Estados. Portanto, ao contrário do que todos pensavam, não representavam as oligarquias rurais e seus interesses mais diretos. Isto porque, julgava eu, eram essencialmente Governos de cooptação e não de representação. Trabalhos recentes sobre a política mineira, entre os quais os de Amílcar Martins e do *brasilianist* John Wirth, confirmam meu ponto-de-vista.

Simon Schwartzman (que é autor, ainda, de *Formação da Comunidade Científica, A Política do Conhecimento e o recente Ciência, Universidade e Ideologia*) reconhece que o seu livro transmite uma "inescapável sensação de ceticismo" quanto às possibilidades da democracia no país. A constatação de que a tradição autoritária e centralizadora tem raízes profundas, só pode seguir-se a conclusão de que a democratização da sociedade brasileira será uma tarefa longa e difícil.

A democratização, segundo o autor, deverá ser conquistada passo a passo. Terá que ir ocupando, um a um, os mais diversos setores da vida nacional, a família, a escola, os locais de trabalho, as organizações profissionais, os Partidos políticos. "A tradição autoritária brasileira não se resume, como poderia parecer aos menos avisados, ao que ocorre no sistema político; tem manifestações nos aspectos mais insuspeitados de nossa vida cotidiana." Portanto, embora seja muito importante o que acontece na política, mais importante é o que ocorre na sociedade. As formas de organização e participação que aí se registram, afirma o autor, tendem a ser freqüentemente ignoradas e esvaziadas pela obsessão de tantos com o jogo político.

— A democracia a ser construída no Brasil — Schwartzman enfatiza — tem de passar necessariamente pela sociedade